

REGIÃO PLATINA E CULTURA POPULAR: OS BAQUEANOS POR SEUS VESTÍGIOS HISTÓRICOS (SÉCULOS XVII A XIX)

FABIO ALBERTO DE MATOS¹; CASSIANE DE FREITAS PAIXÃO²

¹Universidade Federal do Rio Grande – FURG – fabio-66-@furg.br

²Universidade Federal do Rio Grande – FURG – cassianepaixao77@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Entre o rio Salado, ao sul de Buenos Aires, o norte do rio Negro, no Uruguai, e o Jacuí, no Rio Grande do Sul, estende-se o espaço aqui delimitado de Região Platina, geograficamente localizado na Campanha da América Meridional. Dois aspectos naturais o peculiarizam: terras em geral planas e férteis, repletas de pastos e banhados, contribuindo com a proliferação de rebanhos bovinos e equinos, e assim, com o desenvolvimento da pecuária e até mesmo da agricultura; e o rio da Prata que, pertinente à construção de portos e de favorável navegabilidade, centralizou os acirramentos político-econômicos na região do século XVI em diante, ao ser a via de acesso e escoamento dos recursos naturais minerados de Potosí para a Europa (REICHEL; GUTFREIND, 1996).

A partir de meados do século XVIII a Região Platina foi mais marcadamente assolada pelo sinuoso “processo de transição para uma formação econômico-social capitalista em áreas da campanha do Vice-Reinado do Prata”, pautando-se a exportação de couro ao mercado industrial europeu – no Rio Grande do Sul, por sua vez, a economia da pecuária internalizou-se, associada à escravidão (REICHEL; GUTFREIND, 1996, p. 14). Em decorrência do capitalismo liberal-concorrencial, eclodem os movimentos de independência pela América, fracionando os impérios coloniais em estados nacionais.

Dentro deste período histórico e geográfico, deu-se o processo de construção da cultura gaúcha, seus hábitos de vida, valores e mentalidades, frutos do modo e das relações de produção que esta realidade material havia substanciado. Entretanto, nosso foco não está propriamente na cultura gaúcha, mas na prática cultural da vaqueania. Estes, mesclados e compostos por aqueles, eram os especialistas da topografia da Região Platina, isto é, eram os conhecedores do pampa, aqueles que detinham uma compreensão (sobre e) dos caminhos, dos trajetos, dos atalhos, entre um ponto e outro da geografia de suas regiões – vendendo o seu serviço como guia pessoal ou militar, contrabandista ou outras funções que necessitasse do mesmo conhecimento.

Nesse sentido, analisamos diários, cartas, anuários e bibliografias do período que estende-se do século XVI ao XIX, com base no seguinte questionamento: de quais formas estes vestígios históricos auxiliam na compreensão de quem foram os *baqueanos* (ou vaqueanos, na América portuguesa)? Tendo como objetivo um maior esclarecimento sobre estes sujeitos históricos e a sua cultura. Como hipótese, acreditamos que a prática possui origem nas tradições indígenas, que perpassam os séculos sem serem completamente apagadas.

Como fundamentação teórica, apoiamo-nos na geografia crítica para a conceituação de “região”, entendendo-a como uma fragmentação do território natural resultante do desenvolvimento do capitalismo; locais “onde se imbricam uma forma especial de reprodução do capital e, por consequência, uma forma especial de relações sociais”, de acordo com Heloísa Reichel e Ieda Gutfreind em

seus estudos sobre o Prata (1996, p. 13). Estas relações são pautadas pelas formas que os indivíduos experienciam a realidade material à qual dispõem, desenvolvendo assim os “sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações”, expressando e traduzindo a vida concreta de forma simbólica – caracterizando o que compreendemos por cultura (PESAVENTO, 2012, p. 15).

2. METODOLOGIA

Logo nas primeiras páginas de “O Queijo e os Vermes”, Carlo Ginzburg declara: “a escassez de testemunhos sobre o comportamento e as atitudes das classes subalternas do passado” é certamente, mas não o único, “obstáculo contra o qual as pesquisas históricas do gênero se chocam. Porém, é uma regra que admite exceções” – exceções estas que nos permitem “reconstruir um fragmento do que se costuma denominar “cultura das classes subalternas” ou ainda “cultura popular” (2008, p. 11).

E é nesse sentido que empregamos a sua metodologia, o chamado “paradigma indiciário”. Com ele, o historiador encara as fontes e a questão-problema como um detetive, “pois é responsável pela decifração de um enigma, pela elucidação de um enredo e pela revelação de um segredo”, não compreendendo “o real como transparente”, buscando ver o segundo plano, “na procura dos detalhes que cercam a cena principal”, analisando os elementos em “relação ao conjunto” (PESAVENTO, 2012, p. 63-64). Admitindo, inclusive, conjecturas durante a pesquisa, as quais chamaremos aqui de “hipóteses tardias”; ou seja, soluções meramente conjecturais que possibilitem a continuidade dos estudos.

Mesmo sendo uma metodologia voltada para a microhistória, o empregamos por duas razões: primeiro, por ser voltado ao estudo da cultura popular e, segundo, por garantir a visão mais intimista que queremos dar às fontes históricas – independentemente de nosso longo espaço temporal.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de ocupação espanhol e português das Américas teve as suas diferenciações, no entanto, ambos produziram uma miscigenação forçada e, por mais que incentivada por parte dos portugueses, a cor da pele sempre foi um fator de exclusão. Um espanhol nascido na América, filho de mãe e pai europeus, seria chamado de *criollo*, e, por mais que gozasse dos mesmos direitos que os seus pais, ainda sofreria um certo estigma. Entre uma indígena e um espanhol, teríamos um “mestiço”. No caso português, teríamos o “mulato”, filho de europeus e africanos; “mameluco”, filho de europeus e indígenas; e “cafuzo”, filhos de africanos com indígenas.

O que podemos perceber deste processo é que essa miscigenação forçada (com base no estupro) e punida pelo espírito da lei (já que a mesma incentivou a miscigenação para suprir o baixo índice populacional disponível para povoamento, mas a puniu na prática do cotidiano) foi colocando indivíduos desprivilegiados pela cor e, conseqüentemente, pela condição financeira, à margem da sociedade colonial e imperial.

A acumulação primitiva de capital sorvida pelas metrópoles da Europa produziram, em suas colônias, verdadeiros caldeirões de transformações étnicas, com base no etnocídio e no epistemicídio do “bárbaro antigo”, para dar o surgimento ao “novo civilizado”. Este novo, quando não adaptado (ou mesmo

quebrado) ao modelo requerido pelo processo de europeização, foi excluído para as margens sociais, econômicas e culturais.

Como consequência, temos os vaqueanos (assim como os gaúchos), de acordo com as fontes históricas estudadas, saindo das classes racialmente e etnicamente subalternas da sociedade. Sarmiento descreveu que “*este salvaje de color blanco no es*” (1999, p. 50); José Correia narrou em sua carta um “vaqueano da Partida um mulato que há pouco fugiu destes lugares, e é escravo de José Domingues” (CÂMARA, 1804); Este, em outra carta, explicita a existência de “dois soldados naturaes na istancia competente de se aprecatar, não só servindo de bombeiros como de ‘vaquianos’” (CÂMARA, 1805), confirmando-nos a presença indígena.

4. CONCLUSÕES

Conectado com o ambiente em seu entorno, Adriano Comissoli descreve o vaqueano como “o piloto da campanha”: “Ele conhecia as distâncias mais curtas, os melhores pontos para atravessar os rios e para montar acampamentos, reconhecia os acidentes naturais, diferenciava as coxilhas”. Sua etimologia recua de “baquia”, um termo hispânico-americano que significa “soldado veterano”, ou seja, é aquele indivíduo que detém um conhecimento através da experiência (2018, p. 131-132).

Os vaqueanos indígenas eram “retirados dos grupos missioneiros, convertidos e organizados segundo padrões europeus de trabalho”, sendo “considerados os melhores conhecedores do território”, dado que os soldados regulares não eram, via de regra, originários da região em que combatiam, pois “vinham de longe, sendo repetidas vezes transferidos ao longo dos impérios ultramarinos e dependendo do tempo em que serviam no extremo sul conheciam pouco ou nada daquela área”. Em referência ao contingente vaqueano negro, o autor teoriza: “teria sido um escravo campeador ou teria se tornado um “*hombre suelto*” após fugir de seu cativeiro”, condição que o jogou em “uma vida clandestina, que o obrigou a conhecer os melhores pontos de deslocamento?” (COMISSOLI, 2018, p. 137-138).

Por fim, compreendemos que a exploração da pecuária, com as suas vacarias e rodeios, ao empregar a mão de obra negra ou indígena, a depender da região, não aculturou este último completamente, por tratar-se, dentre outros fatores, de um serviço de caráter sazonal, não mantendo o trabalhador permanentemente ocupado.

Permitindo, esta situação, que “o nativo, o mestiço, o branco despossuído pudessem viver nas franjas do sistema”, subsistindo por meio do gado roubado e resistindo “a sua submissão como mão-de-obra assalariada”. E é justamente esta resistência, de acordo com as autoras que empregamos para interpretarmos nossos resultados, que se desenvolveu em permanência cultural, ao oportunizar “que a nova formação econômico-social”, contratando peões em períodos esparsos, “guardasse traços do nomadismo e da concepção de trabalho vinculados à produção de subsistência presentes na formação social dos nativos” (REICHEL; GUTFREIND, 1996, p. 205).

Em suma, dentro destes traços do nomadismo, temos a familiaridade com a montaria, a caça e o combate com ela efetuados, bem como o vínculo dialógico constante com a natureza, permitindo o conhecimento e a identificação dos inúmeros territórios da campanha. Logo, concluímos que a prática cultural da vaqueania possui origem na relação do homem com a natureza, por meio do

trabalho, enquanto uma herança advinda dos povos originários – justamente por ser algo já praticado anteriormente ao acultramento, e não apagado pelas relações de produção à eles imposta.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA, Patrício José Correia da. **Carta a José Inácio da Silva**. 6 de dezembro de 1804, AHRS-AM, maço 7, doc. 31A

CÂMARA, Patrício José Correia. **Carta a José Inácio da Silva**. 4 de junho de 1805. AHRS-AM, maço 8, doc. 15A

COMISSOLI, Adriano. Bombeiros, espias e vaqueanos: agentes da comunicação política no sul da América portuguesa (Rio Grande de São Pedro, sécs. XVIII-XIX). **Revista de Indias**, v. 78, n. 272, p. 113-146. 2018.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

REICHEL, Heloisa Jochims; GUTFREIND, Ieda. **As raízes históricas do Mercosul: a Região Platina colonial**. Editora Unisinos, 1996.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo**. Ed. El Aleph, 1999.